



DIRECTOR INTERINO: AMADEU MORAIS

EDITORIAL

Aproxima-se o período eleitoral para a Assembleia Legislativa.

Agitam-se os partidos, cada um invocando os interesses do povo e dizendo-se defensor exclusivo do seu bem-estar, procurando atrair adesões para o seu programa e aliciar eleitores para a corrente que representa.

Fala-se em 14 partidos, todos eles portadores de mensagens que se dizem diferentes entre si, todos eles arvorados em únicos detentores da verdade política e portadores de mezinha que salvará o País.

DEFESA DE ESPINHO põe à disposição de todos eles as suas colunas, dentro da sua dimensão, como é óbvio, para que cada uma nelas possa fazer a sua propaganda, se a julgar necessária.

Mas não abdica do seu direito-dever de chamar a atenção dos eleitores para a grandeza, seriedade e importância do acto que representa a deposição de um voto na respectiva urna.

Democracia não é Carnaval. Tem dimensão profunda, associada à liberdade, dignidade e independência do Homem.

Sabemos todos que falsos idealistas, oportunistas e inconscientes revolucionários transformaram as aspirações do 25 de Abril, por todos nós desejadas e aplaudidas, em uma situação concreta de embriaguês social, de anarquia, de reivindicações monstruosamente absurdas, de abusos sem nome, de desmantelamento económico, de cáos, que nas pessoas politizadas e conscientes gerou um permanente estado de angústia difícil de vencer.

O Povo Português está cansado de ver revolucionar, não quer mais golpes nem contra-golpes, não suporta as bombas, tem medo do destino das G3 e tem horror à incerteza económica e financeira que todo ele distingue.

É chegada a hora de governar, de governar com vista a tornar a nossa sociedade mais justa, sem dúvida, mas de governar com ordem, autoridade, senso e independência, sem submissão aos gritos e às manobras dos funcionários dos partidos e sem receio pelos manipuladores e exploradores da triste despolitização e ignorância de que são vítimas os nossos trabalhadores em geral.

Que cada um vote em consciência, segundo a óptica dos seus verdadeiros interesses, sem precipitações.

Mas que ninguém esqueça premissas que no presente e no futuro assumem especial e decisivo relevo: não é possível criar uma sociedade nova, feliz, e justa para todos, se nela o Homem não puder manter a sua dignidade, a sua liberdade e a sua independência.

Quando nos referimos a independência, vêmo-la nos seus aspectos social e económico. E quando falamos no Homem queremos aludir a todos os homens e não apenas aos mandões de um partido ou de um clã.

AMADEU MORAIS

LIGAÇÃO ESPINHO — GRANJA

Há 46 anos que o sr. António de Oliveira Chilro — o «Ti Chilro», — construiu a sua casa térrea de adobos. Um barraco de uma só divisão. Ele, a mulher e seis filhos. Três rapazes e três raparigas. O local, a norte de Espinho, no meio das dunas e a duas centenas de metros do mar (onde ele ganhava o sustento da família), lá mais ao norte uns 5 kms, nas bateiras da praia da Aguda.

Hoje, com 86 anos, o «Ti Chilro», lúcido, mas já um pouco surdo, tem à volta da sua casa (já melhorada com outra divisão) mais 72 e quase 350 vizinhos. Todas as casas são «clandestinas». Não há mercearias, mas existem duas tavernas. Os mortos têm que ir para o cemitério de S. Félix da Marinha, a 5 kms de distância. Não há água, nem saneamento. Uma só lâmpada de iluminação nocturna.

Esta é a situação presente no lugar de Espinho-Marinha, freguesia de S. Félix da Marinha, concelho de Vila Nova de Gaia. Paredes meias com a CIDADE DE ESPINHO.

A abertura duma estrada, ligando

Espinho à Granja, vai atravessar o Lugar. A casa do «Ti Chilro» é uma das seis que tem de ser demolida, de forma à futura avenida ser rasgada. A Comissão de Moradores dali realizou um plenário, no último Domingo, para tratar de vários assuntos e, entre eles, o da abertura da avenida. Todos os habitantes presentes, ao ar livre, com um alti-falante a fazer ouvir os oradores. Debateram os pontos antecipadamente constantes nos folhetos distribuídos e deliberaram:

— Ser positivo, até à data o trabalho da Comissão de Moradores;

— Escolher nomes para as ruas do Lugar;

— Manter o Lugar limpo, despejando, em local apropriado e já escolhido, os lixos, até que, a nível oficial, seja feita a recolha diária;

— Adquirir água aos Serviços Municipalizados de Espinho;

Discutem, depois, o ponto quente. A abertura da estrada Espinho-Granja. Uma necessidade premente das gentes de Espinho, Granja, Aguda, Miramar... Cinco ou seis

moradores atingidos directamente pela expropriação fazem valer os seus pontos de vista, profundamente convictos da validade da sua argumentação. O seu esforço, o seu suor, o seu sangue, a casa onde nasceram os seus filhos...

O «Ti Chilro» compareceu, mas como não ouve bem, não se manifestava. E no fim quisemos ouvi-lo na presença da Comissão de Moradores cujas opiniões nos interessava escutar:

E disse-nos o «Ti Chilro», quando

ENTREVISTA - - REPORTAGEM DE JOÃO QUINTA

lhe perguntamos há quanto tempo tinha ido para ali viver:

— Foi quase há cinquenta anos. Casei em Espinho e como trabalhava nas bateiras d'Aguda fiz aqui o meu barraco. O Ferreira, que era meu camarada, botou-me o nome «O Rei dos Grilos». Por aqui havia muitos grilos a cantar. Tinha seis filhos. Os outros tinham medo de vir para aqui, porque haviam ladrões. Depois lá foram vindo.

E, com respeito à abertura da futura estrada, quisemos saber se ele estava de acordo:

— Eu queria uma casinha nova que a minha já está velha. Eles que façam o que quiserem, mas quero uma casinha nova. Não vou ficar na rua. E acho bem que façam a rua para a Granja. É o progresso...

O «Ti Chilro» foi habituado a aceitar «o que eles quiserem». Na sua condição de homem simples, com dificuldades pela vida toda, e agora a descansar, só quer uma casinha

(Continua na 2.ª pág.)

SUMÁRIO

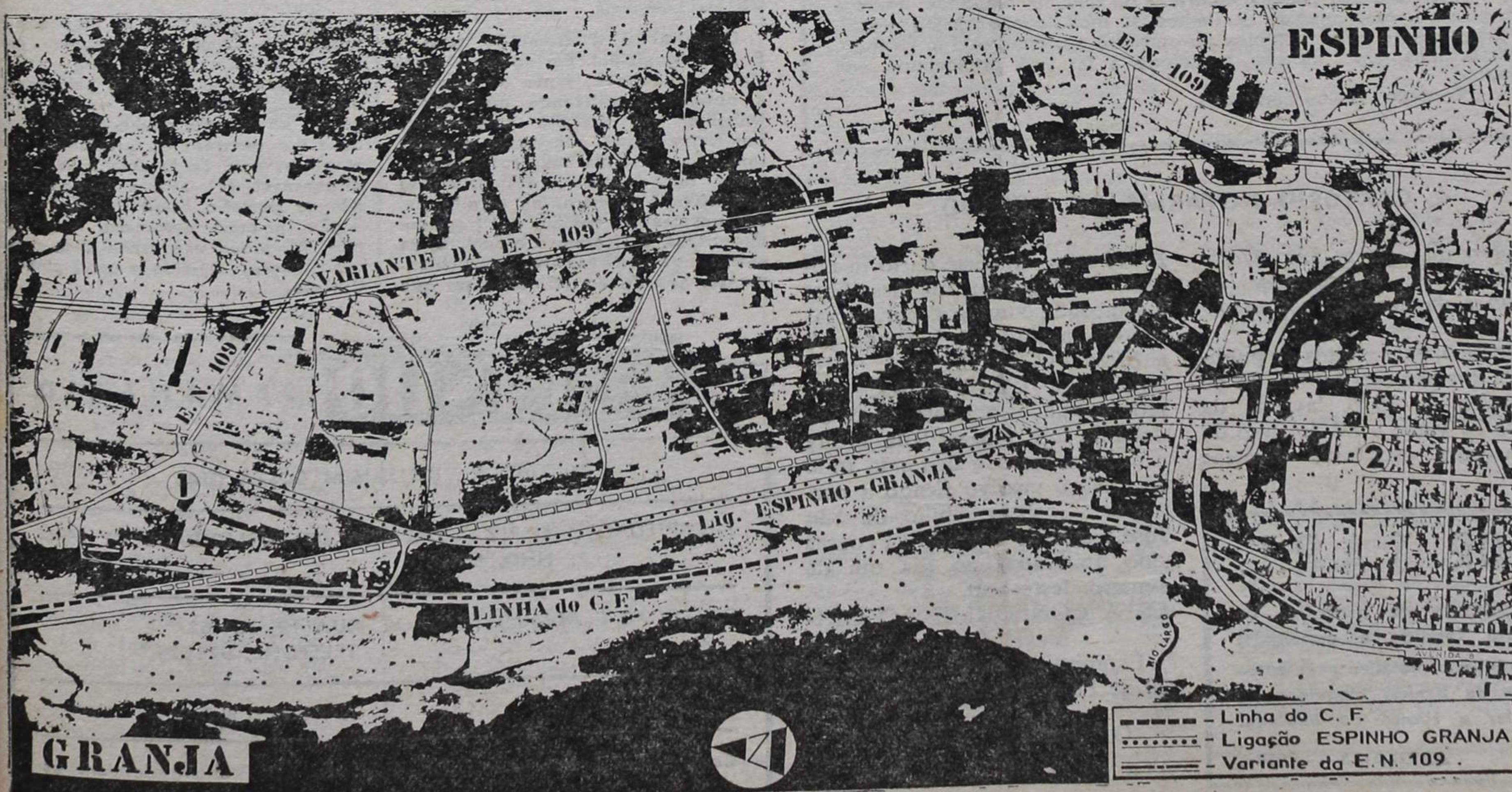
ASSIM VAI A CIDADE Pág. 3

AO ACASO Pág. 4

VIDA REGIONAL — ANTA Pág. 5

POEMA PARA QUEM? Pág. 8

COCABICHICES DE UM COCABICHINHOS Pág. 8



VISOR

Esta é a planta onde está implantada a ligação Granja-Espinho.

Presentemente a E. N. 109 é o caminho mais curto de quase 5 kms. e cheio de dificuldades para os automobilistas. Pontes esganadas, curvas e lombas em paralelos, provocadores de acidentes. Estrada estreita, sem passeios para peões e sem faixa de rodagem para ciclistas. A ligação Granja-Espinho é um anseio muito velho. E só a boa compreensão entre as últimas câmaras de Gaia e Espinho tornou possível projectá-la para construir.

Para além do encurtamento e beneficiação entre as duas praias, o Porto também fica mais perto. E toda uma área de terrenos, até hoje desértica, podem ficar destinados a novas urbanizações.

LIGAÇÃO ESPINHO — GRANJA

(Continuação da 1.ª pág.)

nhá nova. Os homens novos, e quem manda, que tratem do «progresso...». Mais umas graças disse o «Ti Chilro» para satisfação dos presentes e, então, indagamos do sr. Luís Bártolo, a razão da não boa aceitação na abertura da avenida de ligação Granja-Espinho:

— A Câmara de Gaia está a preparar o cadastral para indemnizar os proprietários dos prédios por onde passa a estrada para a Granja. Vieram cá uns funcionários com a missão de recolher dados. Em termos alarmantes começaram a dizer que as casas tal e tal iam abaixo, perguntando às pessoas quantos filhos tinham, quanto ganhavam, e a darem números, em contos, das indemnizações que cada um receberia. Claro que, num ambiente destes, começou a gerar-se um movimento contrário à abertura da estrada e já



O TI CHILRO com os seus 86 anos, «pioneiro» do clandestino Lugar de ESPINHO-MARINHA. O progresso, para ele representado na nova estrada, não o aflige, logo que lhe façam nova casinha.

havia a ideia de ir à Câmara de Gaia, em peso, fazer barulho. Resolvemos, então, arranjar esta reunião-debate, com a presença de todos, e tratar deste e dos outros assuntos mais prementes. Chegamos a convidar o eng. Lopes Dias, da Câmara de Gaia, para ele cá vir, mas não lhe foi possível. No entanto, informou que a Câmara indemnizará os proprietários das casas atingidas e que, antes da demolição, construirá novas moradias. A estrada até deverá ser começada da Granja para cá, de forma a dar tempo a tratar devidamente da reinstalação dos desalojados e, parará aqui, se não estiver já tudo em ordem.

E, de lado, atalharia o sr. José Silva:

— Uma das principais condições postas por eles e apoiadas e defendidas pelos restantes moradores, é que as casas novas sejam feitas aqui. Não aceitam viver noutra local.

Ora, neste momento, com as achesgas acaloradas dos restantes membros da Comissão de Moradores, começámos a verificar que o problema tinha raízes muito profundas. Acrescentaria, então, o sr. José Feicheira:

— A Câmara de Gaia há quarenta

e tal anos que anda a dizer-nos que está a ser feito um estudo aqui para o Lugar, mas, até hoje, nada. E é essa a razão de todas estas casas clandestinas. E as Finanças caem-nos em cima e são muitas sobre muitas.

— É muito importante frisar isso das multas! — cortou, de pronto, o sr. Lúcio Capela. — Antigamente era uma multa de 320 escudos e, passados dias, outra e depois outra. Era à vontade do fiscal. Agora, eles usam o número seguinte: uma casa até 50 m² paga 1 200\$00 de multa! De 50 m² para cima, paga mais 50\$00 por metro quadrado. No meu caso, paguei 4 080\$00 e mais 800\$00 de fazer este anexo. Mas há quem tenha pago 5 contos e até mais! Daqui concluímos que a Câmara tem mais interesse em que as casas se façam clandestinas do que com a respectiva licença. Cá não há nenhuma casa legalizada, e a Câmara nunca aqui gastou um tostão, até que esta Comissão de Moradores foi eleita. Só depois disso, e de acordo com todas as freguesias do concelho é que se conseguiu arranjar com cascalho duas estradas, porque nem uma ambulância ou um carro podia cá vir.

A falta de uma política de habitação continua. Em dois anos de revolução, e de discursos e mais dis-

curso, não houve ainda tempo para as entidades competentes legalizarem as situações existentes e destinarem novas zonas urbanas. Passivamente, são coniventes de situações facilmente evitáveis. Cada barraca que brota, à custa da tal multa ao m², é um encargo futuro para o Governo. E se houvesse uma política de «pequena habitação», concerteza que, em vez da barraca, surgiria uma nova pequena casa.

O abastecimento de água já é feito às casas existentes na estrada divisória dos concelhos, portanto a cerca de 200 metros do centro do Lugar. Pois, os Serviços Municipalizados de Espinho estão a fazer o orçamento (que deve ser complicado!) há um mês. Assim, todas as casas se abastecem nos poços de água salobra existentes. Alguns perto de fossas, porquanto saneamento também não existe. Concordamos que o facto das casas serem clandestinas, implica todo um rol de carências. Mas as coisas têm um limite em qualquer direcção que se vá. Sobretudo um limite, ditado pelo facto importantíssimo, de se tratar de seres humanos.

Um problema, que não é novo, nem sequer único, mas a exigir meditação e, sobretudo, as decisões ajustadas.

J. J.

EXPLICAÇÕES QUE SE JUSTIFICAM

Hoje, a «Defesa de Espinho» aparece «enroutada» de novo. De facto, conforme se pode verificar, o nosso Jornal acaba de aderir às cinco colunas, dando preferência à predominância do «corpo 8» para o articulado.

Dentro dos planos de reestruturação do Jornal — plano que, naturalmente, abrange todos os níveis e que se está a processar por fases, de modo a, como já esclareceu, não se suspender, temporariamente a publicação — teve-se como mais rentável, e mais económico, o sistema agora escolhido.

Feitos os estudos, concluiu-se que assim era e, portanto, as cinco colunas, em «corpo 8», dão possibilidades de se fazer um Jornal mais amplo e mais económico.

Isso forçou-nos à mudança de tipografia e, naturalmente, este primeiro número terá, sob o aspecto gráfico, um certo carácter experimental, para, de um lado e do outro, nos amoldarmos a novos processos.

Entretanto — e o facto já vem de há três semanas — também houve necessidade de mudar de papel por razões óbvias, regressando-se ao de tipo «jornal» que é o apropriado, não obstante, talvez, o outro lhe desse uma certa aparência. Estamos, porém, em época de optar e tivemos de ir para o menos luxuoso.

A colaboração continua a surgir-nos com uma aderência que nos apraz registar, tanto mais que nos interessa uma diversificação do Jornal — e, também aí, os planos de reestruturação vão ganhar forma a seu tempo —, mas, particularmente, é de citar a maneira como se tem processado a recuperação de assinantes, o aparecimento de muitos outros, passando-se, exactamente, o mesmo com anunciantes uns e outros fundamentais à existência do periódico.

Tudo isto nos conduz à certeza de que, na realidade, embora longe de termos atingido os limites da modificação básica global, desejada para «DE», estamos no caminho correcto, isto é, visando, democraticamente, agradar à maioria e tal está contecendo aos poucos.

Portanto, vamos continuar!

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

A cargo da notária Lic. Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro

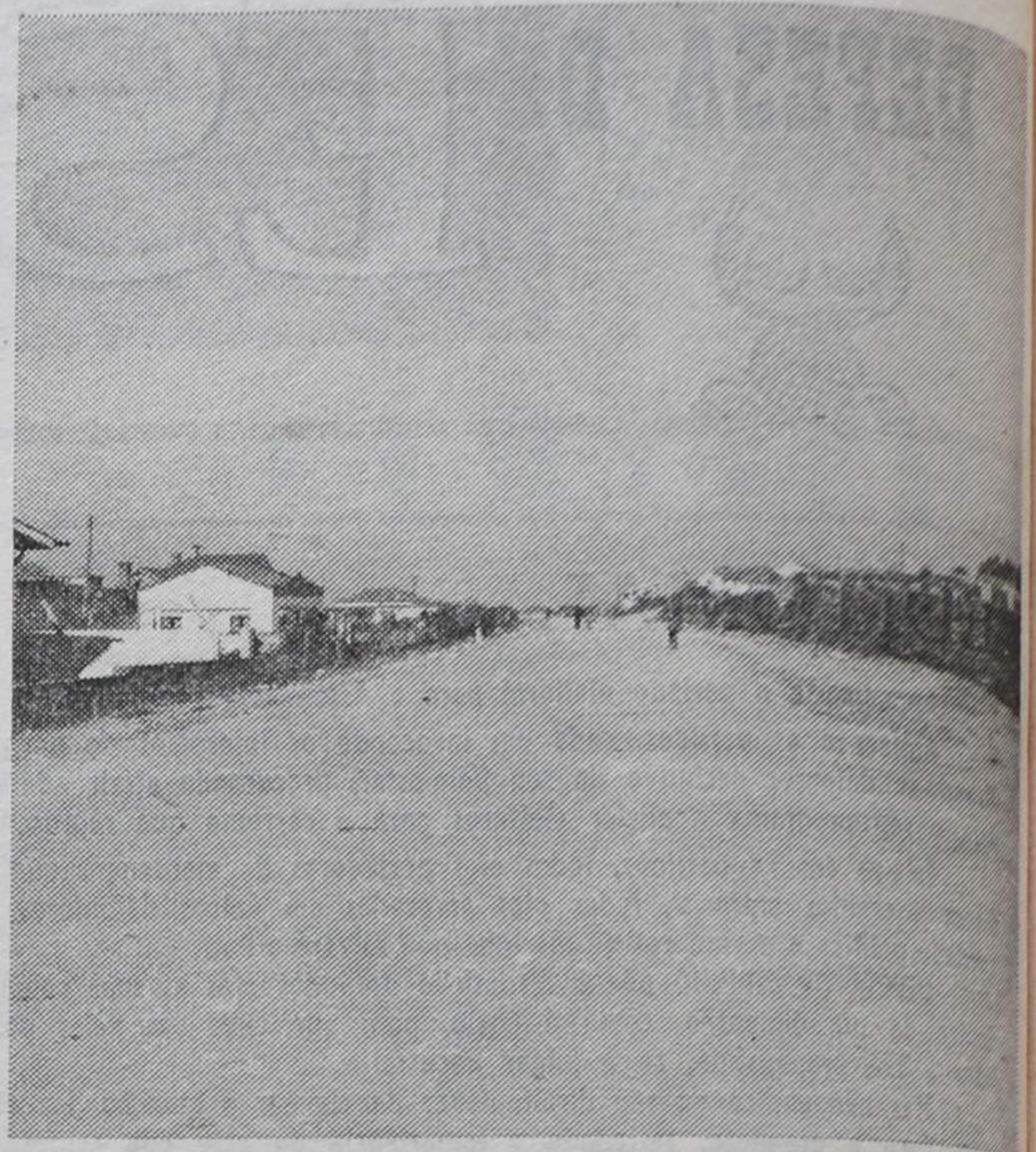
Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 18 de Fevereiro de 1976, lavrada de folhas 78 verso a 80 do livro de notas para escrituras diversas

A-Número 44, deste cartório notarial de Espinho, foi dissolvida a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada sob a firma «LOUREIRO & FERNANDES, LIMITADA», com sede e estabelecimento nesta cidade de Espinho, na Rua Trinta e dois, número 625, tendo todo o activo e passivo ficado a pertencer ao sócio Abílio de São José Loureiro e tendo as contas sido aprovadas no dia um de Janeiro deste ano.

ESTÁ CONFORME AO ORIGINAL.

Espinho e cartório notarial, 20 de Fevereiro de 1976.

O Ajudante do Cartório,
(José dos Santos Sil)



O terreno da variante da CP, acesso do Lugar a ESPINHO, era, até há pouco intransitável a veículos. Hoje, com a boa vontade da comissão de moradores e com o assentimento das Juntas de Freguesia do Concelho de Gaia fez-se sólido arranjo, transitável até para camiões pesados. Por aqui, será levada uma conduta de água dos S. M. para servir as 72 casas existentes.

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS E FÚNEBRE FAMILIAR DE ESPINHO

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Pela presente convido os dignos consócios a reunirem em Assembleia Geral, na sede desta Associação no dia 21 do mês corrente, pelas 10 horas, a fim de se tratar da seguinte

ORDEM DO DIA :

Leitura e aprovação do Relatório, Contas e Parecer do Conselho Fiscal, referente à Gerência de 1975

Antes da ordem do dia e por um período de tempo limitado a 30 minutos, podem ser apresentados assuntos de interesse associativo, para serem tomados em consideração pela Direcção ou tratados em futuras assembleias gerais.

Se no dia acima indicado não

estiver presente metade dos sócios, número legal para o funcionamento da Assembleia, ficam desde já avisados os senhores associados, de que a mesma se realizará no dia 28 de Março, à mesma hora, reunindo então com qualquer número de sócios, uma hora depois da marcada.

Espinho, 6 de Março de 1976.

O Presidente da Assembleia Geral,
Abel Teixeira da Conceição

As contas da Associação estão patentes ao exame dos senhores associados, na Secretaria, todos os dias úteis, das 15 às 17,30 horas.

O Secretário da Direcção,
Américo Jesus de Oliveira

OBJECTIVO — 3

Constitui-se a Comissão para o Estádio Municipal. Em devido tempo, aquela oficializou, junto da Câmara, a posição. Clarificando que queria trabalhar em perfeita colaboração, por forma a que, com todos a puxarem para o mesmo lado, tudo se tornasse mais simples. Foi solicitada entrevista à Câmara, no intuito de, em necessária reunião, se traçarem directrizes. E ficaram à espera. E, às tantas, perguntaram, particularmente, quando era. E souberam que

a Câmara aguardava o pronunciamento da Comissão Desportiva do Concelho. Certamente, um órgão eleito, democraticamente, pelo povo espinhense. Que, pelos vistos, ninguém, no entanto conhece. Mas que deve ter montões de problemas, de afazeres, pois tarda com a sua indispensável (?) aval à Câmara. Se não se percebe como, existindo tal órgão, o meio desportivo local (e não só) ainda não tenha dado pela sua (ampla) actividade em Espinho! Curioso.

DEFESA DE ESPINHO SEMANÁRIO

FUNDADOR : BENJAMIM COSTA DIAS

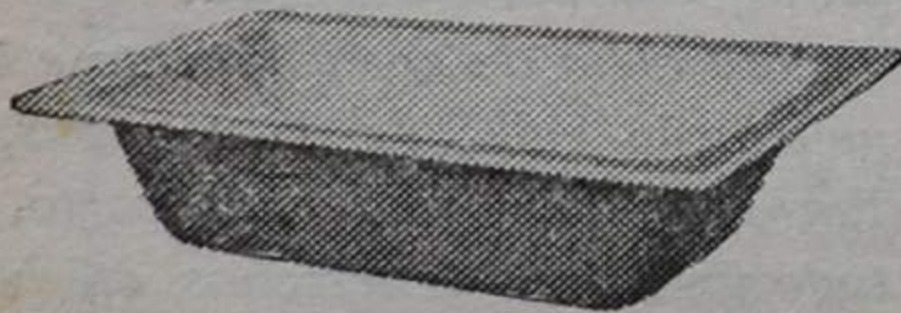
PROPRIEDADE : EMPES — EMPRESA DE PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : RUA 19, N.º 62
TELEFONE, 921525

AVENÇADO

Composição e Impressão : Of. Gráf. de «O Primeiro de Janeiro»

METALÚRGICA RECOR S.A.R.L.



Fabricante de banheiras de ferro fundido e esmaltado. Mobiliário metálico para quartos de banho, máquinas de furar e tornos de bancada.

TELEF.: 23155/6

ARRIFANA — FEIRA

ASSIM VAI A CIDADE

«RATOEIRAS» NOS PASSEIOS CIDADINOS

Basta dar-se uma volta pela cidade e, num ápice, apanhamos autênticas ratoeiras, para a integridade física dos transeuntes, através de esburacamentos de passeios, a que, quem de direito, não liga a importância justificada.

Na avenida 24, cerca da rua 11, deparamos, no passeio que divide as duas faixas de rodagem com uma «caixa» de águas pluviais sem tampa metálica, a convidar qualquer incauto, sobretudo de noite, a meter aí um pé, para arranjar uma lesão grave.

Na rua 15, nas esquinas da rua 22, encontramos duas bordas de passeio danificadas numa extensão razoável, constituindo autêntico convite ao trambolhão. Mais abaixo, na mesma rua, mas na esquina com a rua 20, uma situação idêntica. Na nossa esplanada, da beira-mar, cerca das ruas 31-33, um passeio esburacado. Mas há mais e estes problemas escapam a quem devia vê-los e resolvê-los, numa manifestação de respeito pela integridade física dos cidadãos.

Aliás, já não nos admiramos nada desse deixar correr, portanto, há anos, que «DE» assinalou o estado miserável, perigoso, badalhoquíssimo, do passeio que entre as ruas 18 e 20, serve de «garagem pública» a duas garagens e a um «stand» de motocicletas aí existentes, sem que ninguém tenha providenciado para por fim ao caótico estado dessa via para seres humanos.

«Ratoeiras» nos passeios citadinos, até quando?

NASCIMENTOS

ESPINHO

Nelson Manuel, filho de Manuel dos Santos Patacho e de Maria Ivone dos Reis da Rocha;

Paulo Miguel, filho de Manuel de

Jesus Gouveia e de Maria Alice da Silva;

Zaida Sofia, filha de António Pinto da Costa e de Maria José da Rocha Couto;

Rosa Maria, filha de Manuel de Oliveira Belo e de Maria da Conceição Freitas Gonçalves Belo;

Pedro Miguel, filho de Adão Soares da Silva e de Maria Helena Martins de Macedo Soares da Silva

ESPINHO

Maria Soares Marques, 75 anos, casada c/ Adelino Coelho;

Rogério Alves Loureiro, 42 anos, casado c/ Maria Helena Loureiro de Sousa Freire Alves Loureiro;

José Alves Júnior, 69 anos, casado c/ Maria da Silva Rocha;

Aurora Rodrigues da Cruz, 79 anos, V.^a de Joaquim Fernandes Ferreira da Silva;

Iria da Purificação, 72 anos, casada c/ Porfírio Vicente Gonçalves

PARAMOS

Generosa Gomes Pimentel, 72 anos, casada c/ José Alves Domingues

SILVALDE

Agostinho Dias de Sá, 73 anos, casado c/ Maria Dolores Correia Pereira;

Laurinda da Costa dos Santos, 78 anos, V.^a de Virgílio Rodrigues dos Santos;

Maria Cândida, 57 anos, V.^a de José Joaquim Ruge

No dia 10 do corrente faleceu, em Silvalde, a Sr.^a D. Laurinda Costa Ramalho, mãe do Sr. Manuel de

Oliveira Violas, sócio da Empresa titular deste Jornal.

O funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério de Cortegaça.

A família enlutada, Defesa de Espinho apresenta condolências.

CASAMENTOS

ESPINHO

Domingos Beirão Riscado c/ Mariana Marinha Aires Pinto;

António Joaquim Moreira c/ Lurdes Maria Gonçalves dos Santos Correia;

Jaime Manuel Pinto Ferreira / Ana Maria da Costa Bastos

GUETIM

Manuel da Silva Martins c/ Maria José Guedes de Sá Leite

OCORRÊNCIAS

No dia 9 do mês em curso, ocorreu um acidente de viação pelas 14h30, no cruzamento das Ruas 28 e 29, nesta cidade de Espinho, entre os veículos CP-78-48 e I-ESP-89-48, conduzidos respectivamente por Francisco Rodrigues, casado, empregado de mesa, nascido a 21-3-934, residente no lugar da Tabuaca, freguesia de Anta, deste concelho de Espinho e Alexandre do Couto Alves, solteiro, capacheiro, nascido a 3-8-956, residente no lugar do Formil, freguesia de Silvalde, Espinho. Do embate resultou o condutor n.º 2 ter ficado com ferimentos, tendo sido conduzido ao hospital de Espinho e deste para o de Santo António, na cidade do Porto, registando-se ainda danos materiais em ambas as viaturas.

No dia 10, indivíduo ou indivíduos não identificados assaltaram a casa de jogos existente na Rua 21, entre as ruas 6 e 8, nesta cidade, explorada pelo Sr. Alfredo Pereira da Silva, casado, de 27 anos de idade, gerente comercial, donde furtaram a quantia de 5.000\$00, aproximadamente, segundo queixa apresentada pelo proprietário.

No mesmo dia também apresentou queixa nesta Polícia o Sr. José Pereira Ramos, solteiro, nascido a 20-4-952, estucador, residente no lugar da Igreja, Guetim, Espinho, de lhe terem furtado o seu velocípede 1-ESP-55-13, que se encontrava estacionado na Rua 12, entre as ruas 21 e 23, nesta cidade de Espinho.

Também no dia 10 ocorreu um acidente de viação, pelas 18h15, no cruzamento formado pelas ruas 23 e 8, nesta localidade, entre os veículos IA-72-91 e BR-83-23, conduzidos respectivamente por Abel Eduardo Marques da Silva, casado, nascido a 9-2-910, carpinteiro, residente no lugar da Quinta, Anta, Espinho e Narciso da Costa Patela, casado, nascido a 28-11-928, projecionista, residente na Avenida 8, n.º 374, Espinho. Verificaram-se ferimentos na esposa do condutor n.º 2 e ambas as viaturas com danos.

No mesmo dia, pelas 14h45, ocorreu um acidente de viação, na Rua 62, em frente do prédio n.º 1041, entre os veículos TV-67-63 e 1-ESP-67-38, conduzidos respectivamente por Cândido de Jesus Xavier, solteiro, industrial, nascido a 15-11-940, residente na Praça da Batalha, n.º 112, na cidade do Porto e José Maria Ferreira, casado, ferroviário, nascido a 27-6-920 e residente na Rua 62, n.º 1025, nesta cidade de Espinho. Ambos os condutores ficaram feridos, bem como um passageiro do 1.º veículo e as viaturas com danos.

No dia 12 do corrente, pelas 15h30, foi detido por um agente desta Polícia, Germano Laranjo Maíra, de 36 anos de idade, casado, comerciante, residente no lugar da Mesura, Santa Clara, Coimbra, por conduzir uma viatura automóvel, sem que para isso estivesse habilitado. O detido foi entregue ao Poder Judicial desta Comarca.

Ainda no dia 11 do corrente, apresentou queixa nesta Polícia, o Sr. Fernando Sabença Soares, residente na Rua 14, n.º 1014,



Na hora extremamente feliz, e muito significativa, em que seus queridos Pais — Palmira Gomes Esteves e Armando de Sousa Reis — completam as «Bodas de Ouro» numa perfeita e exemplar união, seus filhos, sentindo-se muito orgulhosos, manifestam-lhes toda a sua mais profunda afeição e respeito, expressando-lhes o reconhecimento pela felicidade de serem seus descendentes.

ELEIÇÕES PARA A «APELE»

A «APELE», Associação de pais ou Encarregados de Educação do Liceu de Espinho, até agora a ser dirigida pela sua Comissão Organizadora que, aliás, tem tido actividade digna de registo, não se limitando a uma tarefa meramente estrutural, vai eleger os seus futuros órgãos de gestão, que compreendem 4 membros para a «assembleia geral», 10 para o «concelho consultivo» e 3 para a «comissão revisora de contas».

As eleições realizam-se no próximo dia 27 do corrente (sábado), decorrendo no próprio Liceu onde a «APELE» tem a sua Sede, numa sala cedida para o efeito, estando neste momento a ordenar-se os cadernos eleitorais, trabalho que sofreu um certo atraso, por motivo das muitas adesões de associados verificadas ultimamente.

A «APELE» apresentará uma lista às eleições, todavia outras poderão surgir por iniciativa dos próprios associados.

SORTEIO DE JURADOS

Na nossa Câmara Municipal tem-se vindo a proceder ao sorteio de jurados para o Tribunal da Comarca de Espinho. Entre os cidadãos recenseados serão sorteados 1110 para, dentre estes, escolher 550, que é o número fixado para a Comarca de Espinho.

NOTÍCIAS DA CIDADE

CIDADE EM FASE (DILATADA) DE SUJEIRA

Ainda as eleições vêm longe, já as instituições partidárias se lançam na campanha meciça duma propaganda intensa, por todos os meios e, naturalmente, através de toda a sorte de cartazes, colados a esmo pelos mais variados sítios da cidade.

Tapam-se paredes, muros e outros locais, com cartazes de todos os formatos e matizes, também se pintam, abusivamente, ou, melhor dizendo, horram-se em autêntica manifestação de incivilidade e de falta de respeito pelos mais elementares princípios da liberdade.

Veja-se, por exemplo, o estado da passagem inferior para peões, já com as paredes todas conspurcadas e, ainda, estamos no princípio. Há regras para a propaganda eleitoral, porém ninguém se interessa em respeitá-las ou fazê-las respeitar, pouco se importando que a cidade apresente uma sujeira tremenda, pois, para mais, de noite, há sempre quem se entretenha a rasgar e atirar para o chão a propaganda «xis» para colocar a propaganda «zê», fazendo mais uma lixeira.

Valerá a pena apelar para o índice de civildade daqueles que, desrespeitando as mais primárias regras de viver numa sociedade (que, curiosamente, se propõem tornar exemplar) tornam a cidade imunda? Não seria lógico, lícito e apropriado, numa sociedade civilizada, a propaganda eleitoral fazer-se, unicamente, em painéis destinados ao efeito? Quanto custa ao povo a limpeza de toda essa sujeira processada como agora acontece?

O RECURSO DA BOMBA

Na madrugada de segunda-feira explodiu uma bomba colocada junto à parede do prédio onde está instalada a sede do Partido Comunista Português. A violência da explosão sobressaltou a população espinhense dando serem 3 e 15 da madrugada, e destruiu os vidros do edifício e de alguns prédios vizinhos.

«Defesa de Espinho», certa de interpretar o sentir da totalidade da população espinhense, que ao longo deste período revolucionário tem sabido manter-se em impecável ordem democrática, condena e repudia vivamente este inqualificável atentado que, além de não conduzir a nada, causou grandes prejuízos materiais, e também poderia ter causado vítimas.

ESCLARECIMENTO

Quando no penúltimo número da D E, no espaço reservado AO ACASO lamentamos a ausência de alguns clubes nortenhos no plenário realizado na Casa do Desporto, para a discussão do decreto-lei n.º 32 946, não o fizemos de ânimo leve. Estivemos lá. Quando pensamos denunciar o desinteresse, procuramos saber junto de fonte autorizada se todos os clubes haviam sido notificados. Que sim. Mesmo os de Espinho? Sim senhor.

Posteriormente, chegou ao nosso conhecimento que o Sporting Clube de Espinho manifestara o seu desagrado pelo nosso artigo, invocando que não tinha sido convocado para esse plenário.

Querendo esclarecer melhor o assunto, e indo ao fundo da questão, fomos informados que, afinal e mais exactamente, o plenário não dizia respeito ao voleibol. (mais tarde esta modalidade será ouvida), daí que, na realidade, não tinham mesmo nada que estar ali.

Por tal motivo, o nosso reparo não pode afectar o Sporting Clube de Espinho.

Um lapso involuntário, cometido por termos sido induzidos em erro.

Penitenciamos-nos disso.

Aqui fica o esclarecimento.

(RE) ESCLARECIMENTO

No nosso jornal de 5 do corrente, e nas notícias de ANTA, vem um esclarecimento feito ao nosso correspondente acerca da Aldeia Nova, e em que a determinada altura se afirma que o Vice-Presidente da Câmara de Espinho, na presença do Eng.º Pinto Correia da Secção Técnica, teria prometido quantia igual à que arranjassem no pedatório que fizessem.

Procurou-nos o Eng.º Pinto Correia para esclarecer que não houve promessa de subsídios e que tal afirmação pode ter sido feita em consequência de, na reunião havida se ter falado em diversas verbas relacionadas com as obras que a Comissão pretendia concretizar.

Mais nos afirmou o Eng.º Pinto Correia o projecto da ponte elaborada pela Direcção de Hidráulica do Douro e fornecido à Junta de Freguesia de Anta, foi enviado à Câmara de Espinho pela referida Junta com um pedido de assistência por parte da Secção Técnica, durante os trabalhos. Como o projecto feito pela Direcção de Hidráulica não foi executado e em seu lugar resolveram fazer o pontão já construído, a Secção Técnica prestaria assistência sem contudo se vincular a qualquer responsabilidade, como é óbvio, limitando-se a dar alinhamento dos acessos e da localização da obra.

AO ACASO

A mendicância é um fenómeno social de todos os tempos. Desde sempre que as desigualdades sociais se fazem sentir e geram situações de ordem diversa, acentuando-se com maior incidência nas classes mais desfavorecidas, nos desprotegidos da sorte.

Vemos que muitos pobres, produto de uma sociedade egoísta decadente, proliferam nas nossas aldeias, vilas e cidades, estendendo a mão à caridade. Caridade, que no dizer de um filósofo francês, é pura atenção para com a existência de outrem.

Quem repara neles?

O que se tem feito por eles?

Pouco, muito pouco mesmo!

A pessoa que pede, que estende a mão para o seu semelhante, num gesto humilhante, misto de desgraça, a suplicar uma esmola, faz-nos pena. Vou mais longe. Pena, revolta e desconfiança.

Pena, porque é pobre e parto do pressuposto existencial da sua miséria.

Revolta, porque a sociedade na qual está integrado, tem algo a ver com esta situação, e de alguma forma é responsável.

Desconfiança, porque nunca sei quem está na minha frente. Há pessoas capazes de tudo e que para obter alguns míseros coppers não hesitam em pedinchar. Estes, quanto a mim, são os pobres de espírito, de juízo interior.

Precisamos conhecer o que se passa na alma do pobre. Para conhecer a psicologia do indigente, daquele que nada tem, é preciso esquecer o conforto próprio, ver as coisas com olhos diferentes dos nossos, tentar saber o que é quase a sentir frio, sentir fome, contar os tostões, lidar com habilidade o mau aspecto dum feio velho.

Mas, quando aquele que mendiga é uma criança, então, eu que sou hipersensível a este quadro, não sei conter-me e a minha contestação atinge o máximo e apetece-me protestar.

É protesto por se consentir que andem nas ruas da nossa cidade, nos cafés e em todo o lado, pessoas a pedir.

Protesto contra quem permite que no «Nosso Calé», aos Sábados e Domingos (únicos dias em que eu vejo), ande um rancho de crianças, de mão estendida, de pessoa em pessoa, de mesa em mesa, uma vez, duas vezes, três vezes, e mais, em repetições contínuas, a esmolar.

E o que se me afigura mais grave, é que parece tratar-se de uma família inteira. Duma vez, contei eu cinco crianças, o mais novo dos quais não deveria ter mais que cinco anos!

Alguns deles, coitados, exibem uma estranha indumentária, o que me leva a pensar que a sua miséria espiritual ultrapassa a material.

É preciso acabar com isto!

Urge averiguar em profundidade este caso e pôr cobro a esta situação degradante. Procurar saber o que está por detrás de tudo.

É que, sinceramente, já começo a ter as minhas dúvidas.

Eu nem quero pensar que alguém, pobre de espírito, está a aproveitar-se destas crianças, explorando os sentimentos das pessoas bem intencionadas, sensíveis a um pequeno ser pedinte.

Não pode permitir-se que as crianças andem nesta vida. Além do mais, inconscientemente, estão a tornar-se párias da sociedade, pois vão tomando o gosto pela pedincha, modo fácil de viver.

Se assim for, que as autoridades competentes actuem.

Naturalmente que haverá alguém com responsabilidades e é preciso arranjar remédio para este mal. Mal que todos temos de ajudar a combater.

Não podemos passar de lado como se isto não nos dissesse respeito.

O pobre, aquele que nada tem, que não pôde ou foi capaz de acautelear o seu futuro e o dos seus, e que uma estrutura social deficiente deixou ao abandono, merece o nosso respeito e o nosso amparo, o nosso carinho, o nosso amor.

Porém, não é só dar esmola ou ser benévolo para com o indivíduo, é também necessário curvar-nos sobre a própria sociedade que hoje, mais do que nunca, estamos interessados em construir, a fim de lhe diminuir as desigualdades e fazer nela a justiça.

Não se deve esquecer que de facto um progresso social pode suprimir ou aliviar, duma só vez, as misérias materiais e morais do mesmo indivíduo.

JOTA

ESTANCAR A CRISE ECONÓMICA DO PAÍS

Há factos importantes que todos discutem mas cujas soluções práticas e eficientes ninguém apresenta!

Após o 25 de Abril, Portugal tornou-se outro; deixou de poder contar com o seu habitual corredor comercial das ex-colónias para a Metrópole e vice-versa. Alterou-se a situação mas a consciência político-comercial manteve-se (porque as boas palavras dos «negociadores» da independência eram promessas... e não só) e a classe trabalhadora (!) apressou-se a fazer negociações e contratações de trabalho.

Efectivamente, a boca e o estômago do serralheiro, do estivador, do doutor, do engenheiro, do padre, do militar, do político e do governante, sentem as mesmíssimas necessidades. Porém, nem todos trabalham de igual modo e a cada um segundo o que trabalha.

Pois os conflitos levaram a paralizações na laboração normal do trabalho e, conseqüentemente, o pro-

APONTAMENTOS

DE ALBERTO ABREU

duto que deveria ficar pronto em X tempo, levou X mais o tempo da paralização. Daí ser muito fácil fazer as contas para concluir que o preço do produto saiu mais caro. Seguidamente, queremos vendê-lo nos mercados estrangeiros (sim porque as ex-colónias deixaram, entretanto, de aceitar os nossos produtos ou então só os recebendo sob determinadas condições) mas não o aceitamos porque, em relação a outro semelhante, fabricado e apresentado por qualquer país, capitalista ou socialista, o nosso é mais caro. Impossível a sua venda por ser mais caro. O governo suporta a diferença para podermos competir com a concorrência. Ah, sim! Mas esse dinheirinho, que o governo entrega ao fabricante para cobrir a diferença, de forma a levar o tal produto a ser vendido nas mesmas condições que a concorrência estrangeira, não saiu do bolso do sr. ministro, do sr. militar ou do sr. presidente do partido, mas sim do bolso de cada um de nós. E esse dinheirinho, que nós dispêndemos, deveria era ter sido para aplicar em hospitais, creches, escolas e outros investimentos de interesse comum e não para cobrir a tal diferença na transacção com o estrangeiro.

Estamos perante muitos e graves problemas (que as palavras dos srs. ministros da TV não resolvem) económicos que constituem a chamada «crise inevitável» que envolve a nossa posição e independência política, em relação a qualquer bloco socialista ou capitalista.

A referida crise terá de ser estancada; os erros e desvios cometidos terão de ser reparados, rapidamente, por «força dos factos» sob pena de sermos estrangulados. Sabemos que estamos a sofrer as conseqüências duma transição, mas se não actuarmos «depressa e bem» a crise «pode virar-se contra a própria transição».

Adoptar medidas drásticas, ou de emergência, por si só nada resolverão, se não forem concebidas para se executarem. Mas que não se façam leis mal feitas só pelo facto de o tempo requerer que se façam espontaneamente, senão passaremos a ter um «código comercial humorista» com leis diferentes para o Norte, para o Centro e para o Sul tudo de tal forma tão baralhado que as que se poderiam ajustar ao Norte serão aplicadas no Sul e vice-versa, esquecendo-se, até, as do Centro.

Para uma governação anticrise, terão de existir as condições políticas mínimas e indispensáveis e, para tal, há que recorrer à colaboração consciente dos sindicatos, associações patronais, partidos, forças armadas, governantes e do povo em geral.

A. A.

GRANDE CASINO DE ESPINHO

ONDE O NORTE SE DIVERTE

★ MÚSICA DE BAILE ★

Pelos Conjuntos :

— TOP GROUP SHOW

— SURPRISE

★ V A R I E D A D E S ★

— Argentine Folies Ballet

— George Platis — Equilibrista Grego

— Zélia Lopes — Cançonetista Portuguesa

★ RESTAURATE-BOITE ★

Jantares Concerto — Esmerado Serviço

seguido de Baile e Variedades

— SLOT - MACHINES —

★ C I N E - T E A T R O ★

SESSÕES TODOS OS DIAS — às 15,30 e 21,30 horas

★ S A L Ã O D E F E S T A S ★

AOS DOMINGOS

MATINÉS DANÇANTES às 16 horas

com os Conjuntos privativos do Casino

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

A cargo da notária Lic. Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 24 de Fevereiro de 1976, lavrada de folhas 91 a 93 do livro de notas para escrituras diversas A — Número 44, deste cartório notarial de Espinho, foi alterado o artigo sexto do pacto social da sociedade comercial por quotas «ALMEIDA, TAVARES & ABREU, LIMITADA», com sede em Espinho, Rua Catorze, número 1.070, o qual fica assim:

SEXTO — A gerência e a administração da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele ficam atribuídas ao sócio Abílio que desde já fica na sua assinatura em qualquer meado gerente, bastando pois acto ou contrato para obrigar a sociedade.

Parágrafo primeiro — O gerente nomeado é dispensado de caução e poderá ter a remuneração que a assembleia geral

Parágrafo segundo — É vedado ao gerente e aos sócios obrigar a sociedade em letras de favor, fianças e abonações, bem como, em geral, em quaisquer actos estranhos aos interesses da sociedade.

ESTÁ CONFORME AO ORIGINAL.

Espinho e cartório notarial, 27 de Fevereiro de 1976. Res-salvo as emendas «ALMEIDA» «pois»

O Ajudante do Cartório
(José dos Santos Sil)

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS FUNEBRES FAMILIARES DE S. FRANCISCO DE ASSIS DE ANTA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Convido os dignos consócios a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária, na sala das sessões do edifício social, sito no lugar e freguesia de Anta, no dia 21 do mês corrente, pelas 10 horas, a fim de se tratar da seguinte

ORDEM DO DIA

Discussão e votação do Relatório e Contas da Direcção e respectivo Parecer do Conselho Fiscal, referente à gerência de 1975.

Se a Assembleia não puder funcionar naquele dia por falta de número legal de sócios, funciona com qualquer número, no Domingo seguinte, dia 28, à hora e local supracitados.

A sessão será aberta uma hora depois de marcada.

Anta e secretaria, 6 de Março de 1976.

O Presidente da Assembleia Geral,
Manuel Couto Rodrigues da Silva

As contas e mais documentos encontram-se patentes na secretaria, todos os dias úteis, das 10 às 17 horas.

O Secretário da Direcção,

Germano Ferreira da Silva Júnior

EXCURSÕES-76

TUY e ORENSE

20 a 21 de Março — 285\$00

SERRA DA ESTRELA (neve)

1 dia: 28 de Março — 180\$00

1 1/2 dias: 3 a 4 de Abril — 210\$00

TUY e VIGO

5. as Feiras e Sábados — 160\$00

Inscreva-se já.

Os melhores lugares serão seus.

PRAIA DO SOL — VIAGENS

Rua 16 — Mercado Municipal

Telef. 920688 — ESPINHO

LACADOR PINTOR DE MÓVEIS

Admite Firma a 5 km de Espinho

PEDROSA DA ROCHA
& C.ª, LDA.

Telefones: 967412 e 967839

Auto Internacional

Peças e Acessórios
para Automóveis

Av. 24 n.º 1001 — Telef. 923028

ESPINHO

FÁBRICA HERCULES

de AFONSO HENRIQUES, SUCRS. LDA.

INDÚSTRIA
TRANSFORMADORA

MATÉRIAS
PLÁSTICAS

Injecção — Compressão — Extorsão
— Insuflação — Rotação — Vácuo

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: HERCULES

TELEFONES: 920540 - 921098

APARTADO: 40

ESPINHO

«HERCULES»

GARANTIA de
FABRICO e QUALIDADE

Associação Portugal-
República Democrática Alemã

NÚCLEO DE ESPINHO

Semana RDA

20 A 27 DE MARÇO DE 1976

PROGRAMA

Sábado, 20 — 21,30 horas

Inauguração da Exposição Fotográfica sobre:

— O Cartaz na Luta de Classes

— Desporto

— A Mulher na RDA

— Aspectos da RDA

A Exposição estará patente ao público durante toda a «Semana» sendo exibidos filmes sobre a RDA

Domingo, 21 — 15,30 horas

— Colóquio sobre «A MULHER NO SOCIALISMO»

orientado pela Dr.^a Edith Oeser, ex-Vice-Ministro do Ensino Superior na RDA e destacado elemento da Federação Internacional da Mulher, e por Gundula Kirshoff, especialista em assuntos latino-americanos e membro do Comité de Amizade RDA - Portugal

4.^a feira, 24 — 21,30 horas

— Palestra sobre Educação e outros aspectos da vida na RDA

orientada pelos Drs. Hans Treichel, especialista de Educação e Ensino Politécnico, e Axel Hesse, musicólogo e intérprete

NO SALÃO NOBRE DA PISCINA

ENTRADA LIVRE

VIDA REGIONAL

• ANTA •

Estrada Esmojães-Oleiros
Por Aldeia Nova de Anta-Agro Velho

Volto a este instante, urgente, iminente, precioso, problema, por duas válidas razões.

A primeira.

Transcrever a notícia vinda a lume no semanário CORREIO DA FEIRA, relativa a este pruriginoso assunto.

Diz-nos o dito semanário no seu número do dia 12-3-76.

«O último número da DEFESA DE ESPINHO referiu-se mais uma vez a este empreendimento, sugerindo — e muito bem — uma actuação conjunta das Junta de Freguesia de Anta e Oleiros. No que toca a esta última, podemos informar que o assunto não está a ser descurado, tendo-se até a registar a visita do Sr. Eng. Pimentel, do Gabinete de Viação Rural da Câmara da Feira ao local, após o que percorreu o caminho lógico de penetração em Oleiros. Efectivamente, dentro desta localidade o problema confina-se ao alargamento de vias já existentes, embora manifestamente acanhadas. O assunto está portanto vivo e vai para a frente, para benefício de duas freguesias.» E foi só isto. E isto chega e sobra para fazer acordar quem esteja desatento. E isto nos diz que a Junta de Oleiros está com mira assentada para aquela utilíssima ligação. E isto nos aconselha a levantar do assento da cadeira, para imprimir rapidez a uma «cimeira».

Os representantes da nossa Junta têm provas de que não estão sózinhos.

A Comissão de Aldeia Nova esperas, como lençol para a cama, como, quasi, pão para a boca, como água para sequioso.

A Junta de Oleiros tem as suas portas abertas, sempre as teve.

Porque espera, quem pode e deve?... Com esta chuva benéfica, que tem descido, pouca surzida pelo seu gêmeo vento, o caminho que segue ao ensaibrado deve estar com cara de poucos amigos. Que o diga o utente que fica do lado de lá da ponte...

com aquele lamaçal a entrar, quasi, pela porta dentro. Não tenho visto iniciativas deste tipo nesta nossa preguiçosa Freguesia, motivo porque a nossa Junta devia bater-se por algo mais que o simple preencher de lugares.

O exemplo da Junta de Oleiros é de apontar como padrão dinâmico.

A Comissão registou a atitude concreta, de gente virada para o amanhã.

Continuemos com as mãos na obra sem descanso.

A segunda.

Pede-me a comissão para o Rasgamento da Estrada em causa que clarifique o seguinte:

A pedra que a nossa Câmara ofereceu, conforme e deu nota na anterior visita feita por mim, é aquela que está no pavimento construído. A pedra para a construção da ponte, foi comprada com os valores angariados junto dos interessados e benfeitores, como consta das contas em exposição na duas juntas.

ERRO
12-3-76

FERREIRA DE CAMPOS
DULCE DE OLIVEIRA CAMPOS

Advogados

Rua 11 n.º 877 — Telef. 922210

ESPINHO

As obras de defesa da nossa praia

Comunicação ao 1.º Congresso de Engenharia Civil,
pelo Eng. Civil 1.ª Classe Francisco Perdigo em 1931

(CONTINUAÇÃO)

A situação era a que deixamos referida quando, certamente pela impressão causada pelas citadas palavras do relatório da última Comissão a 1.ª Direcção dos Serviços Fluviais e Marítimos de que era Director o Sr. Engenheiro von Hale foi autorizada, subitamente a começar obras em Espinho. Dizemos subitamente porque por lapso na especificação das bacias hidrográficas que haviam de pertencer a cada uma das Circunscricções Hidráulicas quando estas foram criadas, lapso que se tem mantido nas reformas posteriores dos serviços, toda a costa marítima ao sul do Douro com os rios que por ela chegam ao mar, pertencia à jurisdição da 2.ª Direcção dos Serviços Fluviais e Marítimos com sede em Coimbra e por consequência era a esta que competiria a execução dos trabalhos. Mas a surpresa era ainda maior porque não havia qualquer projecto organizado nem em face do relatório da Comissão, havia ainda ideias assentes. As instruções recebidas diziam porém que se deveria cumprir a indicações que sobre o assunto daria o Exmo. Sr. Inspector Geral dos Serviços Hidráulicos, o qual vindo a Espinho optou pela construção de uma muralha de cortina sobre assente sobre estacaria e corrida a um nível pouco inferior ao pavimento das ruas adjacentes. O perfil tipo tinha 0,50 m de coroamento, 1,5 m. na base e 2,50 m. de altura com paramento interior vertical e uma sapata de 2 m. de base por 1 metro de altura. Ao ser-lhes comunicado este projecto com o qual se não conformava por não se atender nele à fixação das areias, principal objectivo a ter em vista e prevendo a destruição rápida da muralha projectada em tais condições, o Sr. Engenheiro von Hale dirigiu à instância superior um ofício alegando as razões em que se fundava para discordar do autor do projecto cuja execução lhe fora confiada e ao mesmo tempo indicava a maneira como entendia dever ser orientada a defesa de Espinho. Não obstante começou desde logo o trabalho de cravação das estacas para fundação da muralha de cuja direcção foi encarregado em 5 de Outubro de 1909. As estacas tinham o diâmetro médio de 12 centímetros e o comprimento de 3 metros e eram cravadas à distância de um metro umas das outras sendo as suas cabeças arasadas a uma cota de 5,50 m. acima do zero hidrográfico. Os trabalhos começaram em frente à Rua 19 próximo à Capela de Nossa Senhora da Ajuda. A cravação era difícil e lenta por ser feita em areia muito compacta e se empregar um bate-estacas de 6 tiradores e pequeno peso, único de que se podia dispor, não caminhando por isso o trabalho tão depressa como previra o seu autor. Como estava o Inverno k porta e havia reacção de ataques do mar foi dada ordem para suspender a cravação das estacas, que só se fez na extensão de 35 metros, e a muralha seguiu assente apenas no fundo do cavouco aberto na areia. Para suprir a falta das estacas foi ordenada a construção de uma contra-muralha cu rbsorma feita de blocos de 4 toneladas construídas «in situ». A pedra empregada era um micascisto proveniente das pedreiras de Guetim e outras próximas da Espinho argamassada a cal hidráulica e areia com o traço de 1/2,5. A verba autorizada para esta obra foi de 7 contos no ano económico de 1909-1910. Tendo eu sido nomeado para fazer parte da Comissão nomeada por portaria de 7 de Janeiro de 1910 para se ocupar das Obras nos portos de Leixões e do Douro em seguida às avarias causadas pela grande cheia do Douro de 23 de Dezembro de 1909, foi a direcção do trabalhos confiada ao distinto Engenheiro Sr. José Gromw. Camossa Pinto. Na 2.ª quinzena de Fevereiro de 1910 sobrevieram as primeiras avarias na muralha em virtude de um temporal que bateu a costa durante 13 dias, mas foram relativamente pouco importantes, pois que apenas se limitaram à destruição de 8 blocos recentemente contruídos e ainda sem pressa suficiente (eram argamassados a cal hidráulica), à destruição de 6 metros de muralha no extremo norte e ao aluimento de 6 m. de alicerce na muralha mais antiga cuja parte superior ficou suspensa formando abóboda. Outrotanto não sucedeu com a parte norte da povoação ainda não protegida onde o mar avançou cerca de 15 metros com destruição de várias casas.

Em Dezembro de 1910 sobreveio novo temporal de extrema violência que produziu a destruição de 40 metros de muralha e 60 metros de contra-muralha entre a rua da Estação e a capela de Nossa Senhora da Ajuda e a gravíssima ruína de uma extensa parte da muralha.

Dominaram em ambos esses temporais o ventos de S. e SW. — provocando a formação de uma corrente de S. para N. que arrastava as areias desgastando a praia e descalçando a muralha.

Estava-se procedendo à reparação destas importantes avarias quando em 30 e 31 de Janeiro de 1911 novo temporal destruiu a muralha em quase toda a sua extensão que era de 354,50 m. Apenas ficaram de pé três testemunhas: uma no extremo norte com o comprimento de 33 metros, outra ao centro com 35 metros, que era a parte assente sobre estacaria, e outra no extremo sul com 33,50. É caso para dizer que «estava escrito», pois bem o tinha escrito o sr. Engenheiro von Hale dezoito meses antes. Até a casa onde a secretaria da obras foi destruída...

Estas obras custaram 14.200\$00 Esc.

É justo que se diga que se não fosse a existência da muralha, os temporais violentíssimos de Fevereiro e Dezembro de 1910 teriam fatalmente ditado abaixo mais uma parte importante da povoação, não sendo fácil de prever qual teria sido; porém, o que não sucedeu nessas duas ocasiões teve lugar quando a muralha foi abaixo em Janeiro de 1911, pois que a ressaca que se formava por entre o eus destroços e o talude de areias que antes se acostavam a ela era tão formidável que o desgaste no talude e na povoação foi assim enormemente acelerado, especialmente ao norte, entre as ruas 13 e 7, onde se deu um avanço de 25 metros nas derrocadas.

A incerteza porém do que poderia ter sido a destruição causada pelo mar se não tivesse existido esta obra — destruição que podia muito bem ter atingido toda a zona até à linha do caminho de ferro — é o bastante para nos devermos consolar da sua efémera existência.

(CONTINUA)

MÁRMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

DE

VITORINO LOPES DA CRUZ

Telef. 920565 — Monte Lírio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7, N.º 561

PODE SER ÚTIL

CINEMAS

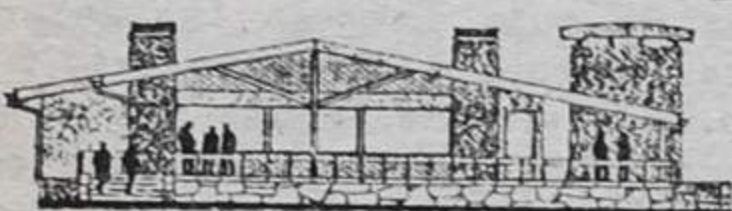
CASINO :

Hoje, sexta-feira, dia 19 — «Me-te o teu diabo no meu inferno», com António Cantafaro e Melinda Pillon — Para maiores de 18 anos;
 Amanhã, sábado, dia 20 — «Me-te o teu diabo no meu inferno»;
 Domingo, dia 21 — «Me-te o teu diabo no meu inferno»;
 Segunda-feira, dia 22 — «O furto é a alma do negócio», com Alchiero Noschese e Pia Giancaro — Para maiores de 10 anos;
 Quarta-feira, dia 24 — «Isabella — duquesa do diabo», com Brigitte Skay e Mimme Palmara — Para maiores de 18 anos;
 Quinta-feira, dia 25 — «Enquanto há guerra há esperança», com Alberto Sordi e Silvia Monti — Para maiores de 13 anos.

S. PEDRO :

Hoje, sexta-feira, dia 19 — «As duas faces duma história de amor», com Coline Serreau e Nicole Dubois — Não aconselhável a menores de 18 anos;
 Amanhã, sábado, dia 20 — «Farfillon», com France Franchi e Gina Rovere — Não aconselhável a menores de 18 anos;
 Domingo, dia 21 — «O mocho e a gatinha», com Barbara Streisand e George Segal — Interdito a menores de 18 anos;
 Terça-feira, dia 23 — «Harry — o detective em acção», com Clint Eastwood — Para maiores de 18 anos;
 Quinta-feira, dia 25 — «Rosas vermelhas», com Gina Lollobrigida e Renand Verley — Para maiores de 18 anos.

RESTAURANTES



**Restaurante
Snack — Discoteca
CABANA**

TELEFS. 921322-921966

CABANA — Sugere aos seus estimados clientes
SNACK-BAR — Pratos do dia económicos
 2.ª Feira — Bacalhau à CABANA
 4.ª Feira — Chisalhada c/ Feijão Vermelho à Transmontana
 5.ª Feira — Frango de Caril à CABANA
 6.ª Feira — Peixe à Portuguesa
SABADO — Papas de Sarrabulho c/ Rojões
DOMINGO — Pratos Especiais
TERÇA-FEIRA — DESCANSO DO PESSOAL
 Preços especiais de OUTUBRO a MAIO
 — Aos Domingos — Matiné Dançantes —

RESIDÊNCIA
 1.ª CLASSE
GIRASSOL
 RUA DE SÁ DA BANDEIRA, 133
 TEL. 21891/2/3 — PORTO-PORTUGAL

Todos os quartos com banho
 Todas las habitaciones con baño
 Toutes les chambres avec salle de bain
 Every room with bath
RESTAURANTE
 TELEFONE 27393
 MARISCOS — PRATOS REGIONAIS — BACALHAU E TRIPAS A MODA DO PORTO TODOS OS DIAS — AS 5.ªS E DOMINGOS
FEIJOADA A BRASILEIRA

DIVERSOS

Casa Romeu ★ **Oculista Vitó**

Rua 19, n.º 299
 Telef. 921433

ESPINHO

Rua 19, n.º 242
 Telef. 921433

Duas casas onde o bom gosto impera

ÓPTICA ESPECIALIZADA ★ NOVIDADES ★ BOUTIQUE

LUSOTUFO

Tapetes — Carpetes — Alcatifas

Telefone, 72005

CORTEGAÇA

Paula & C.ª, L.ª da

Materiais de EDIFICAÇÃO e DROGARIA — Mercadorias Agrícolas

RUA 19, N.º 450

TELEFONE, 920138

ESPINHO

TABELA DE MARES

DIA	PRAIA-MAR	ALTURA	BAIXA-MAR
20	06.50 19.13	3m.56	00.09 12.32
21	07.40 20.10	3m.24	00.57 13.19
22	08.50 21.21	2m.93	01.50 14.13
23	10.12 22.45	2m.71	02.57 15.24
24	11.39	2m.67	04.38 17.21
25	12.51 00.05	2m.87	06.57 19.13
26	13.46 01.10	3m.01	07.57 20.02

A VENDA

**VENDEM-SE
EM SILVALDE**

As propriedades de
José Ferreira Ramalho

Falar com **Manuel Ferreira Dias**
 Junto da Fonte do Loureiro

MODAS

Boutique JENNY

LINHA JOVEM

Artigos Nacionais e Estrangeiros

Rua 19 n.º 343-E ESPINHO

Com os cumprimentos da

BOUTIQUE

FRANCINE II

Rua 8, N.º 579

Telefone, 920122

ESPINHO

CASA ANGÉLICA

Rua 19, n.º 209 — Telefone, 920236

MODAS — MALHAS — MIUDEZAS

Exclusivistas das malhas «SIDNEY»

Daniel R. Iglésias

Confecções para Homem e Senhora — Modas — Novidades

Estabelecimentos: Rua 19 n.º 203 e 188 — Telefs.:

Estab. 920463

Resid. 920086

ESPINHO

ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS

OLIFEX

Ferreira & Oliveira, Lda.

ESPINHO

RUA 16 N.º 975 — APARTADO 144 — TELEFONE, 921569

CASA LUCIANA

Boutique

Rua 19, n.º 318 — ESPINHO

Representante em ESPINHO dos Brinquedos «SÓBRINCA»
 e dos artigos de viagem «TAURO»

Carteiras de Senhora, Sacos de Praia e Viagem,

Calçado, Artigos de Fantasia — NOVIDADES!

MÉDICOS

DR. AUCINDIO VALENTE
 MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças Nervosas e Mentais

Rua 20 n.º 500-1.º

Telef. 921014

Dias: 3.ªs e 6.ªs-feiras
 com hora marcada

DR.ª EMÍLIA PEDROSA SANTIAGO

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16
 às 19 horas

PINTO DE MATOS

Médico Especialista ex-Assistente dos
 Serviços de Ortopedia das Universi-
 dades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos Ossos
 e Articulações

Rua 19 n.º 364-1.º — Telef. 921218

ESPINHO

DR. ROGÉRIO RIBEIRO

Médico Especialista de Medicina
 Física e Reabilitação

Consultórios: Rua 20 n.º 500-1.º

Telefone, 921014 — ESPINHO

R. de S.ta Catarina, n.º 778-1.º

Telefone, 33868 — PORTO

ENFERMEIROS

**CENTRO DE ENFERMAGEM
DE ESPINHO**

Todos os serviços de enfermagem
 oxigénio, camas articuladas, etc.

Ambulâncias com oxigénio para
 transporte de doentes

Horário: das 9 às 12 e das 14 às 20 h.

Telef. 921587 (das 9 às 20 h.)

Telefone de urgência 922329

Rua 16 n.º 868 — ESPINHO

CALISTAS

CALISTA

Consultas em Espinho

9 às 13 h. — 14,30 às 19 h.

Telefone, 923178

Rua 25 n.º 48 — Todos os dias

PAPELARIAS

**PAPELARIA ATLÁNTICO
NORTE, LDA.**

Av. 24 n.º 1013 — Telef. 922776

ESPINHO

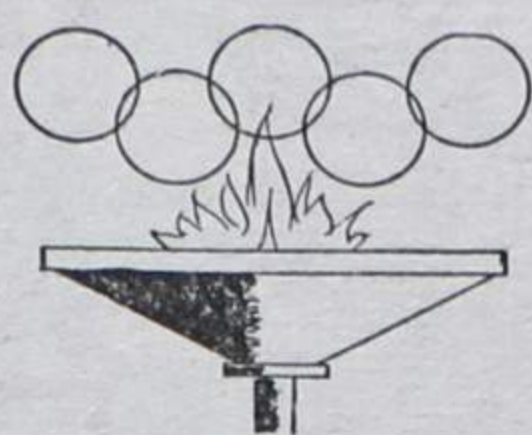
(em frente da Feira)

Agente da «Texas Instruments»

Material de Escritório

Livros Escolares

DESPORTO



INTERVALO

Naquela encontro de voleibol com o Benfica, no sábado último; fiquei danado com o Rolando. Custou-me ver o Rolando reagir, como reagiu. Pouco correctamente, para com o árbitro. E não está em causa se, eventualmente, tinha razão. E custou-me, ainda mais, vê-lo levar, merecidamente, o «cartão amarelo».

O Rolando é director da secção. O Rolando é «capitão». O Rolando tem grandes responsabilidades. O Rolando não pode reagir assim.

Nem assim, nem, intempestivamente, sair do terreno. Pedir para ser substituído. Numa equipa que, no momento, andava (e anda) à deriva. E necessita, mais do que nunca, do Rolando. Do Rolando experiente. Do Rolando «capitão». Do Rolando, cabeça fria. Do Rolando, todo frenesim. Do Rolando, todo dedicação.

O Rolando sente na carne (como ninguém), o mau momento da equipa. E teve uma reacção daquelas. Humana? Pode ser. Mas que não pode ter. Nem deve ter.

E a mim, que gosto do voleibol, que admiro o Rolando, a dedicação do Rolando, o seu valor (e, anos, tive-o a meu lado, na Académica, podendo-o avaliar bem e sabendo quanto contribuiu para sermos campeões), doeu-me vê-lo perder a cabeça, vê-lo reagir mal, coisa que já não é novidade, ultimamente.

Mais: aquele «cartão amarelo!» Que um dia pode ser «vermelho». É uma carreira como a dele, agora na última fase, não merece findar com uma nódoa dessas.

Merece, isso sim, que o Sporting de Espinho lhe faça a merecida consagração de reconhecimento. Na altura devida, para não se falhar, como se falhou em relação a outros: Não de despedida, pois o Rolando, tranquilo, sem preocupações que não sejam de treinar e jogar, pode, ainda, ser de grande utilidade numa equipa onde o excesso de juventude é grande. E de imaturidade também.

Eu, admirador do Rolando, seu antigo companheiro de equipa, que sei do seu valor, da sua dedicação, da sua noção de responsabilidade, apeteceu-me gritar cá de cima, da bancada: ó sócio, isso nem parece teu!

Na altura, ele talvez nem me ouvisse.

Agora, sei que o Rolando aceitará, e compreenderá, as minhas palavras. Palavras de um admirador. Admirador, a partir do companheirismo de equipa. Admirador, que sabe, e sente, quanto ele, calmo e tranquilo, sem saturações de nenhuma espécie, pode e deve ser útil como componente daquela promissora equipa de voleibol do Sporting de Espinho.

É ou não é, ó sócio?

Então, vamos lá nisso!

“Placard de Resultados”

VOLEIBOL

(«Nacional» 1.^a Divisão

Seniores: S. C. E. 1 — Benfica 3
S. C. E. 0 — Nac. Ginástica 3

(«Nacional» 3.^a Div. zona norte)
Vilar de Andorinha 3 — A. A. E. 0

(«Nacional» zona norte)

Juvenis: Esmoriz 3 — S. C. E. 0

(«Regional» do Porto)

Iniciados: Oliveirense — S. C. E.
(adiado devido ao mau tempo)
A. A. E. 3 — Esmoriz (B) 0

(«Regional» II.^a Divisão)

Feminino:

A. A. E. 1 — Carolina Michaelis 3
Académico Coimbra 1 — S. C. E. 3

ANDEBOL

(«Regional» 3.^a Divisão do Porto)
Seniores: S. C. E. 15 — Vigorosa 10
Intervalo (6) (6)

Com esta vitória arrancada com justiça, frente à segunda melhor equipa deste campeonato, os «tigres» prepararam-se para serem justos vencedores da série em que participam, pois, uma vez mais, exibiram a sua superior condição técnica.

HÓQUEI EM PATINS

(«Regional» do Porto)

Iniciados: Sanjoanense 2 — A. A. E. 3
Infantis: Sanjoanense 2 — A. A. E. (A) 7
Seniores: A. A. E. (B) 4 — Carvalhos 5

A turma «A» (um caso sério dentro do hóquei em patins nacional) venceu, sem derrotas e manifestando intensa superioridade em todos os capítulos, o «Torneio de Abertura».

Um aceno para os «putos» e para o «mestre» Vladimiro.

HOQUEI EM CAMPO

(«Regional» do Porto)

Seniores: A. A. E. 1 — Pasteleira 1
Júniors: A. A. E. 0 — Ramaldense 4

FUTEBOL

(«Regionais» de Aveiro)

Iniciados: S. C. E. v. — Oliveirense f.c.
Ganhando (sem jogar) o encontro que lhe competia, e que era o último do «regional», os habilidosos «miúdos» de «mister» Capela classificaram-se na 2.^a posição, de paridade com os «rivals» de S. João, beneficiando os jovens espinhenses do «goal-average» e quedando-se a 2 pontos do campeão regional, o grupo do Arrifanense.

Portanto, mais uma equipa do futebol (das camadas jovens do S. C. E.) a ter direito de participar no «Nacional» da categoria, visto que, na passada semana, os «juvenis» asseguraram a mesma presença na prova máxima da competição.

Parabéns, pequenos e briosos atletas, assim como os seus dedicados responsáveis dos «tigres».

Veteranos: «Torneio as árvores morrem de pé»

S. C. E. 5 — Ovarense 4

FUTEBOL

«NACIONAL» — 2.^a DIVISÃO

ZONA NORTE

ESPINHO, 0 — SANJOANENSE 1

Campo: Carlos Osório, em Oliveira de Azeméis, por interdição do campo da Avenida.

Arbitrou: Ramiro Santiago, de Coimbra.

SP. ESPINHO — Abrantes; Ribeirinho, Washington, Gonçalves e Amaral; Meireles, Cila e Hélder (Adilson, aos 60 m); João Carlos, Telé e Eduardo.

SANJOANENSE — Frederico; Queirós, Leonel, Durbalino e Vítor; Rocha, C. Sousa e Martins; Vasco (Quicas, aos 60 m.), Ernesto e Maia (Peres aos 85 m.).

Ao intervalo: 0-1. Marcador: Rocha (aos 9 m.).

CARTÃO VERMELHO: Cila, aos 5 m., após desaguado com Durbalino. CARTÃO AMARELO: Vítor, aos 48 e Ernesto aos 89 m.

Ruíram os ténues «sonhos» espinhenses numa (possível) chegada (ainda) ao segundo lugar.

Ainda o jogo não era jogo (5 m.) já Cila recebia ordem de abandonar o terreno (que onda de castigos tem marcado esta época a equipa!). O primeiro trunfo «oferecido» ao comparsa. Depois, veio o tento (9 m.), a oferecer outro trunfo à Sanjoanense (força moral ou tranquilidade, mesmo as duas coisas).

Certo é que os «tigres» reagiram e, mesmo, podiam ter empatado (Telé) ia decorrida uma vintena de minutos.

Gorada a oportunidade, os sanjoanenses cerraram fileiras, procurando defender a preciosa vantagem e proporcionando aos «tigres» o domínio

intenso, mas, claro, com certas deficiências. O «carregar» dos espinhenses foi, por conseguinte, infrutífero e, até, houve uma nova ameaça de tento, quando Washington cabeceou bem, na conclusão de um «canto».

A vitória sanjoanense é prémio para quem soube (e teve sorte) defender a vantagem preciosa, enquanto castiga uma equipa que, sem se ter exibido da melhor maneira, tentou suprir a desvantagem numérica e do marcador, fazendo jus (mercê do domínio) pelo menos à igualdade.

Os melhores espinhenses foram Washington, Gonçalves, Meireles e Helder, com arbitragem certa.

BASQUETEBOL FEMININO

Um grupo de jovens desportistas espinhenses que, há já algumas semanas, se dedicam ao belo desporto da bola ao cesto, entrando no seu «abc», principiam já a evidenciar progressos muito interessantes.

Sob a orientação, e dedicação, da pro. Maria dos Anjos, que todos os sábados, no pavilhão da Escola Sã Couto, vem dirigindo as moças, está assim na força uma equipa de basquetebol feminina que o DAA do SCE pensa fazer entrar em competição muito em breve, possibilitando o alargamento do saudável ecletismo desportivo dentro do Clube e a possibilidade de mais gente jovem fazer desporto nesta nossa terra, já de si verdadeiramente centro potencial e muito interessado pelo fenómeno desportivo.

Saudemos o aparecimento do basquetebol feminino em Espinho.

O Clube Académico de Espinho completou 19 anos

O Clube Académico de Espinho apesar dos seus 19 anos, agora completados, é uma Colectividade pouco conhecida ainda na nossa cidade. De características populares, com uma massa associativa assaz reduzida, porquanto não chega à centena e meia de sócios, o Clube Académico de Espinho tem sido uma Colectividade verdadeiramente virada para a prática desportiva eminentemente amadora, porquanto os praticantes ali entregam-se a fazer desporto pelo desporto, arcando com as despesas.

Clube pouco conhecido é certo, mas, na verdade, 19 anos de vida são prova flagrante da validade e positividade desta Agremiação, como do êxito dos seus prosélitos em mantê-la viva e como veículo de união para a sua vida associativa e desportiva.

Festejou, agora, o seu 19.^o aniversário o CAE, realizando um festival simples, mas significativo (com boa presença de público) no Pavilhão do Sp. de Espinho, o qual teve a presença como convidados especiais (entre outros) representantes da Câmara Municipal, PSP, e DAA do SCE, o qual se iniciou com um desfile dos Clubes populares do nosso concelho e, depois, teve a inauguração do novo estandarte da Colectividade aniversariante (bastante bonito), cerimónia da qual se encarregou Artur Bartolo, vice-presidente da C.A. da C.M.E.

Seguiram-se dois desafios de futebol de salão, opondo-se a equipas do CAE turmas do Rádio Renascença e de Amigos de Espinho-Porto, onde o resultado pouco significou, pois, na verdade, apenas estava em causa a confraternização e o interesse em praticar desporto pelo desporto.

Portanto, assinalado o 19.^o aniversário duma Colectividade espinhense que, nesta altura, se prepara para aparecer no desporto federado a nível do futebol, passo certamente importante para o futuro do Clube Académico de Espinho.



A «NAASCE» — Núcleo dos Amigos do Atletismo do Sp. Clube de Espinho, continua a trabalhar a sério, no intuito de dinamizar essa modalidade básica no meio espinhense. No Domingo passado, mais uma proveitosa jornada da qual falaremos no próximo número e que aconteceu no Bairro Piscatório. Na foto, um grupo de jovens afectos à «NAASCE», exercitam-se

ACADÉMICA DE ESPINHO EM FESTA ANIVERSARIANTE

Decorreu, na semana transacta, o programa comemorativo do 38.^o aniversário da Académica de Espinho, só agora levado a efeito, naturalmente por motivo da demora no render dos corpos gerentes, devido às incidências de que se envolveu o acto eleitoral.

Optando por um programa ecléctico, abrangendo todas as modalidades praticadas no Clube, a AAE tornou a comemoração aniversariante numa confraternização entre os seus praticantes, havendo encontros e competição saudável a nível desportivo interno.

O programa encerrou-se no passado domingo com uma romagem ao cemitério municipal, onde o Clube foi deixar, através de alguns momentos de saudade, a sua homenagem póstuma a muitos que tombaram na estrada da vida, embora, antes, tenham dado a sua melhor cooperação para ajudar a AAE a ser o Clube que, hoje, pôde festejar com orgulho os seus 38 anos de vida.

ATLETISMO

BAPTISMO POSITIVO...

Com a participação de 101 atletas, em representação de 14 equipas filiadas e populares, realizou-se na vila de Paredes, o I Grande Prémio do U. S. C. Paredes.

Esta prova pedestre, na distância de 5 000 metros, serviu para estreitar a recém-nascida equipa de atletismo da nossa cidade: «N. A. A. S. C. E.» (Núcleo dos Amigos do Atletismo do S. C. de Espinho), que neste seu baptismo participou com 9 atletas, Juvenis, Juniores e Seniores. Os brilhantes vencedores desta competição

oficial da Associação do Porto, foram o «internacional» portista José Sena e o F. C. do Porto, que, conforme a imprensa nortenha noticiou, deram um autêntico «show», assim como a maior parte dos atletas do Avintes e do F. C. da Foz. Como era de prever, a participação dos atletas espinhenses, na sua maioria jovens de promissor futuro, estava limitada apenas à rodagem e ao convívio geral, não se esperando resultados de alto nível; mas, o certo é que a nossa representação arrancou

um magnífico 4.^o lugar, na classificação colectiva de «Populares» e o 9.^o lugar, na colectiva geral da prova, situando-se bem à frente de 2 clubes filiados, que participam já há vários meses em todas as provas do calendário oficial da A. P. A.

Eis a classificação dos participantes espinhenses: António Lóite 12.^o em «populares» (40.^o na «geral»), Paulo Malheiro 13.^o (44.^o), Alberto Tomás 20.^o (60.^o), Abílio Rocha 30.^o (75.^o), Alvaro Cabral 40.^o (89.^o), José Peres 45.^o (94.^o) e Teófilo Carvalho 50.^o (97.^o).

Portanto, início bem promissor do N. A. A. S. C. E., uma afirmativa de que Espinho voltará a marcar posição em atletismo, modalidade básica do desporto.

P. M.

«ENTRE ASPAS»

«Quando arranquei para o VI Governo, penso que a minha imagem era de um homem de esquerda. A verdade é que eu sou realmente um homem que amo as liberdades. Sou um homem de esquerda. Não sou seguidor de nenhum programa político científico dogmático, muito menos marxista. E disse-o sempre.

E claro como estou na luta antifascista há trinta e tal anos, tenho tradições na Marinha...

Obviamente que quem lutou contra Salazar, não é da direita. Mas nunca ninguém fez uma análise profunda da minha ideologia política, e até houve quem cometesse

o erro de me identificar com o PC! Eu sempre simpatizei com a luta do PC; ainda hoje tenho muita consideração pela luta antifascista dos comunistas, mas nunca me identifiquei com eles. Sempre fui aquilo que realmente sou. Um verdadeiro democrata. Eu não mudei coisa nenhuma. E quando reagi fortemente, muito antes do PS, contra o Vasco Gonçalves, reagi contra uma certa maneira de pensar e de agir e disse ao Vasco Gonçalves: «Você está a seguir processos de 1917». Houve, então, uma discussão muito grande entre nós porque discordei profundamente da ocupação de casas e da ocupação

de terras no Alentejo. Quando vou para o VI Governo e incluo o PPD, começa-se, então, a dizer: «Este homem virou à direita». Quando eu salientei, interpretando, aliás, o sentir da grande maioria do povo português, que teria que haver uma «mudança de agulha» profunda, por se tornar necessário instaurar um clima de ordem pública e de respeito pela autoridade, acabando com as manobras das forças minoritárias que tentavam dominar o País, parece que deixei de ser um «homem da esquerda» para ser um homem de outra cor política. E isto trouxe-me o ataque daquelas forças ligadas ao V Governo, que procuraram por todas as formas, antes de 25 de Novembro, tornar o País ingovernável e derrubar o VI Governo.»

(PINHEIRO DE AZEVEDO, Primeiro Ministro, in «O Jornal»)

★

«Um dos maiores erros que cometemos, foi o termo permitido a entrada para o M.F.A., das lutas partidárias! Houve quem se deixasse instrumentalizar e quando a luta partidária conseguiu penetrar no M.F.A., muitos erros foram cometidos como autênticas violações à maneira de ser do povo português! Como as asneiras, normalmente, foram feitas em nome da esquerda, isso criou condições para que a direita pudesse actuar com melhores resultados.»

(VASCO LOURENÇO, Comandante da Região Militar de Lisboa, in «O País»)

COCABICHICES DE UM COCABICHINHOS

II

Os meus reparos às bacoradas ditas na rádio e na televisão não se limitam aos que fiz na minha primeira cocabichice. Bom era que fossem essas as únicas javardices a justificarem a minha (inútil) revolta! Mas infelizmente não é assim...

Devido à questão de Angola, principalmente, tem andado muito na baila o nome da República do Zaire. Zaire esse que, até há bem pouco tempo, todos nós rimávamos com **donaire**, ou **desaire** ou **desvaire**, por exemplo: Zaire com duas sílabas, Zaire com um ditongo na sílaba tónica.

Pois agora, não, senhor! Nos noticiários da Radiodifusão Portuguesa aparecem senhores muito cultos, muito modernos, muito «xix», a pronunciar Za-i-re, fazendo a palavra trissilábica, fazendo a diérese do ditongo.

A que se deve a patarata, a bacoca pronúncia?

À influência francesa, evidentemente.

Para se aproximarem quanto possível da pronúncia da palavra (que os Portugueses ensinaram ao Mundo), os franceses são obrigados a pôr um trema no **i**, assim originando a diérese que os leva a pronunciar Za-i-re. Sem o trema em Zaire leriam **Zère**.

(Caso semelhante terá sucedido com o nome da ópera de Verdi **Aida**, que sem o trema, seria lido pelos franceses **Éda**. Mas o nome **ch-gou-nos por via gaulesa e aqui estamos nós a pronunciar A-i-da**, em vez de **Aida**, como certamente deveria ser.)

Esta subserviência parola perante o estrangeirês já vem de longe. Foram portugueses que divulgaram no Ocidente o nome da ilha **Samatra**. Para poderem pronunciar-lhe como lho ensinaram, os ingleses grafaram **Sumatra** (já que o **u** tem, frequentemente, em inglês, o valor de **â**). Pois agora, em mapas portugueses, livros portugueses, obras portuguesas, o que se lê frequentemente é **Sumatra**, o que, infalivelmente, leva a que a maioria pronuncie mesmo **Sumatra**.

★ ★ ★

Fui há tempos à UNICEPE, no Porto. Cooperativa livreira, de nível universitário. Pois aí mesmo vi, numa prateleira, um papel manuscrito a indicar qual o género literário dos livros que lá estavam: **POÉSIA!** Assim mesmo: **POÉSIA!**

Claro que quem tal escreveu não o fez a pensar que a palavra rimasse com, por exemplo, **falésia** ou **preze-a**.

Fê-lo a pensar que o **e** era aberto — embora não tónico — como em **pegada** (vestígio que o pé deixa impresso no solo), ou em **ceguinho** (de cego), ou em **levezinho** (de leve).

Pensava erroneamente.

O **e** de **poesia**, como o de **poetisa**, soa como **i**, devendo, portanto, essas palavras ler-se **pu-i-sia** e **pu-i-tisa**.

No mesmo dia dei um salto à Faculdade de Letras. Aí deparei com um grande cartaz, talvez de convite para uma assembleia ou plenário. Não sei! Sei é que, em letras garrafais, a distinguem-se, pelo tamanho e pela cor do restante texto, estava este mimo:

ORGANIZE-MO-NOS

Na Faculdade de Letras! Oh! Céus! Oh! Deus! Oh! Réus!

As minhas cocabichices de hoje já vão demasiado extensas, mas não posso deixar de caturrar contra esta autêntica bacorada, que desgraçadamente tão fácil é de encontrar.

Se já no Diário das Sessões da Assembleia Constituinte encontrarei, na reprodução das palavras do respectivo Presidente, este mimo (ou semelhante):

Po-mo-la.

Esta brutidade — de que o Sr. Presidente da Assembleia Constituinte só é responsável por não ter feito a necessária revisão e correcção dos textos das suas intervenções — não tem a mínima desculpa. Como explicação (não justificação), tem o facto de quem escreve (quem fala pronuncia correctamente) julgar — por uma falsíssima analogia — que o **mo** é uma contração do pronome pessoal **me** com o pronome pessoal **o**, como se encontra, por exemplo, na frase: «Não sei do meu livro. Procura-mo».

Quanto ao calamitoso «organize-mo-nos»...

Fica para o próximo número (se estiverem interessados e se, entretanto, a poeiranta e embolorada caturrice não me tiver arrastado para a cova).

COCABICHINHOS

A FÚRIA DAS GARRAIADAS!

Em continuação da «Crónica» anterior, começamos por dizer que, o único artista tauromáquico que deu a sua festa de despedida em Espinho, levada a efeito em 24-9-911, foi Rafaelo Paleño, oferecendo-a ao Grémio dos «Imperiais» reservando para a sua Direcção dois camarotes, gentileza que mais desvaneceu os seus inúmeros amigos. A festa atingiu grande brilhantismo, dado a geral simpatia deste artista! Os nossos amadores de quando em vez, organizavam garraaiadas, e o meio espinhense agitava-se, como em dia de festa! Por volta de 1915, já no declinar do verão, as companhias de pesca, reunidas, encarregaram os nossos amadores de organizar uma garraaiada, que muito gentilmente foi aceite. Foram seleccionados os melhores amadores, como festa de gala! A praça encheu-se literalmente, não só com os pescadores e seus familiares, e todos gosaram uma tarde plena de alegria, inesquecível por certo! Vamos pois, tentar descrever alguns pequenos episódios, entre outros, que mais êxito usufruíram nesta tarde. Alexandre Castro Lima, tornou-se um amador apaixonado pelos touros e atingiu fama, sem favor! Sempre que se realizavam corridas profissionais, era uso haver, no fim do programa um touro para curiosos (amadores) e o nosso amador lá estava, com seu fato próprio, cingido ao corpo, chapéu de tela preso com uma fita ao queixo. Raro o bicho recolhia, sem que Castro Lima lhe espetasse um ou dois pares de ferros! O público não arredava pé, gostava de ver a coragem dos rapazes e alguns havia com merecimento! Os artistas vigiavam atentamente, o evoluir das variadíssimas fases, acudindo sempre nos momentos de perigo! Ora Castro Lima era, por assim dizer, o menino bonito do grupo de amadores espinhenses. Na garraaiada a que nos vamos referir, o simpático amador lá estava em frente do curro preparado para fazer a sorte de gaiola, que tanto gostava e até se possível, um cambio! Abre-se a porta, e entra na arena um grande cão de caça, com uns chifres de carneiro na cabeça! O público ao dar pela «partida» explode numa risada contagiante e de pé bate palmas em delírio! Castro Lima por sua vez, cruzou os braços na barriga e parece não parar mais de rir!!! O dr. Matos, Elísio Batista e Amadeu Moraes, foram os autores da saborosa brincadeira! — Eram uns brincalhões — dizia então Castro Lima! Para esta garraaiada, resolveram vestirem-se de agarradores profissionais: Virgílio Pereira, Silvério Vaz, Felisberto Ferreira, Joaquim Fernandes e um brasileiro, Pápeira, o cómico do grupo. Resolveram pregar um susto ao garraio e assim todos elegantes, colocaram-se dentro da arena em coluna, com os extremos dos forcados apoiados na trincheira e as forquilhas prontas a enviesar para o lado em que o bicho investisse. O garraio saiu e correu em direcção à suposta armadilha, passa-a farejando, como em revista e lá vai! Os valentes... fazem peito de contentamento, mas, o animal, por certo reconsiderou... volta pelo mesmo lado e muito ladino, corre em velocidade junto às tábuas e ataca de flanco, atirando os va-

lentes... de roldão misturando-os com o pó da arena, passando por cima deles! Há pânico, que foi substituído por franca gargalhada geral, que parecia não ter fim! Nos cafés, corria então um estribilho: onde estão os valentes?... Também nessa tarde de tão grata lembrança, aconteceu um pequeno facto, talvez inédito, aqui vai: Roberto Fernandes estava a incitar um garraio que teimosamente mantinha o rabo encostado à trincheira, situação que já demorava largo tempo. Soltaram outro bicho e dá-se o inacreditável: em lugar de correr, avança de vagar direito ao vulto que desce e levanta os braços, toca-lhe nas costas com um dos chifres e pára! Roberto Fernandes julga que é o dr. Matos, que o está a incitar, vira-se para dizer: está quieto dr.! Mas quando se apercebe que é outro garraio, larga as farpas e corre como um gamo para a trincheira e fica empoleirado a rir, embora um tanto espavorido pela difícil situação em que esteve metido! A numerosa assistência rejubilou largamente com risadas e palmas de entusiasmo, bem justificado. Foi uma tarde inesquecível em que todos viveram esquecidos das agruras da vida! Esta era uma das modalidades que dava prazer à juventude daquele tempo! Outra geração veio, também irrequieta, com pendor para o recreativo. Temos presente um galhardete que tem gravado os nomes dos intervenientes numa garraaiada em homenagem ao Orfeão, levada a efeito em 2 de Outubro de 1921, que foi dirigida, por deferência de Amadeu Moraes. Alguns ainda estão vivos! Os anos passaram, Roberto Fernandes, então comentador tauromáquico de «O Comércio do Porto» e nós como correspondente, assistimos a uma corrida, com Núncio e Manuel dos Santos, os nossos melhores artistas de todos os tempos. O destino reservou-lhes como fim, demasiada amargura! Roberto Fernandes que os adorava, não sofreu o desgosto de ver o seu fim! Do elenco da referida tourada fazia parte um jovem rapaz chamado Glória. Saltou a trincheira e ofereceu um par de ferros a Roberto Fernandes, e tal como o bom ladrão disse a Jesus: — Sr. Roberto não se esqueça de falar em mim — e lá foi cheio de esperança! E a promessa surgiu com um amigável aceno: — Não esqueço, felicidades! Roberto, que tinha nas veias sangue espanhol, conhecia a fundo a história da arte de tourear, as misérias e grandezas de tão faticosa arte e nas suas reportagens, sempre dava notas boas aos principiantes, ajudando a lançá-los em carreira tão difícil! Passou em revista, amorosamente, os tempos da sua maior felicidade em Espinho, confirmou a frase pronunciada quando se viu em apuros entre os dois garraios: — Está quieto dr. — e nessa bela tarde ficamos a saber quantos acontecimentos que nos revelou, mais tarde será possível abordá-los. Mal diria que seria a última corrida que assistira, pois faleceu, um tanto inesperadamente, antes da época seguinte. Foi uma figura marcante no meio da juventude da sua época e dele falaremos em outras actividades, das quais fez parte e em primeiro plano! — J. TATO

POEMA PARA QUEM?

Sorridente,
Talvez um pouco trocista,
Com o sorriso irónico
De quem vê acontecer o que [previu,

Assim te sinto,
Assim te «sei».

Andamos «arrufados»...
Já sei o que vais dizer:
Que eu é que me «arrufe»
E que tu continuas o mesmo
E que fui eu que me afastei.
Sim... É isso! Deve ser isso.

A culpa não foi tua
Nem toda minha.
Algo-alguém nos separou,
Algo-alguém nos dividiu.
Não sei se me ouves
Porque não sei se existes
Nem sei sequer,
Se é necessário que existas.
Mas estivemos ligados durante [tanto tempo

Que me ficou o jeito
De acreditar que és
E de viver como quando
Existias para mim.

Mais feliz?...

Olha: nem mais nem menos!
Ser feliz não está em mim nem [em ti!

Tenho tentado construir-te
Mas nem sempre as peças jogam.

Vou continuar a procurar(-te).

Será isto
A velhice-medo?

O. Q.

10-Março-1976

SEMANÁRIO
AVENÇADO